

Ana Paula Caixeta
Universidade de Brasília

A estética do liso e o antikitsch: reflexões sobre o corpo disforme pensado a partir da epistemologia do romance

O kitsch é um mal ético, contudo, necessário à forma da arte, dirá Hermann Broch. Contrariar o kitsch configura assumir um gesto de transgressão. Ultrapassando as discussões que o colocam como uma vanguarda junto à revolução do mass media, a presente comunicação propõe aproximações entre uma estética de contrariedade do kitsch (o antikitsch), provocada pelas reflexões da epistemologia do romance a partir de Milan Kundera, e a estética do liso de Byung-Chul Han. A proposição visa a observar como problemáticas apegadas ao corpo e à condição humana são negadas por meio de situações estéticas que atenuam ou ocultam a rugosidade das imperfeições, os conflitos, a negatividade, as sensações disformes. Pretende-se, na discussão, atentar-se a elementos da ordem do estético, em que há uma hipervalorização do efeito em detrimento da fruição, corroborando com movimentos de superficialidade quanto às possibilidades de experiência estética. Para contribuir com o debate proposto, será evocada uma obra do escritor Glauco Mattoso, Memórias de um pueiteiro (1982), em que sua forma representa um processo antikitsch, haja vista a intencionalidade do poeta em escancarar uma linguagem incômoda e chula, unida a imagens ilustrativas caracterizadas por gestos transgressores. Mattoso assume o movimento coprofágico, criado por ele para representar sua estética parodística de confronto e apropriação, enquanto linguagem e forma, fomentando possibilidades de se pensar questões ligadas ao corpo e às sensações do corpo, negadas e negligenciadas fora do espaço da arte.